

Seminário CEBRI - ABL - 20/out/2017

A Diplomacia na Construção do Brasil de Rubens Ricupero

Comentários de Celso Lafer

A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016) de Rubens Ricupero é um livro de fôlego. É o elaborado resultado de uma reflexão de décadas. Lastreia-se numa informação abrangente e se beneficia no correr da interação das suas partes, da experiência de quem viveu as possibilidades e os limites da atuação diplomática. Tem como objetivo articular, para explicitar, como a diplomacia e a política exterior, desde a colônia até os nossos dias, são elementos fundamentais da construção do que é hoje o Brasil, a começar pela escala continental do nosso país, que é um dos elementos identificadores da nossa presença no mundo.

Cabe lembrar que o marco diplomático inicial configurador desta escala é o Tratado de Madri de 1750, celebrado entre a Coroa Portuguesa e a Espanhola, concebido pelo secretário do rei D. João V, o brasileiro Alexandre de Gusmão, nascido em Santos, que foi qualificado como avô da diplomacia brasileira.

A perspectiva organizadora deste grande livro de Rubens Ricupero, na linha de seus trabalhos anteriores, tem como alicerce a sua sensibilidade

histórica no trato das relações internacionais. Aos seres humanos compete dar à História um sentido por meio da razão e da ação, observa, na conclusão evocando a lição de Vico. Foi o que fez neste livro. Avaliou com agudo discernimento o movimento da pauta da nossa História Diplomática na trama das agendas da história política e econômica nacional. Analisou suas respectivas transformações no âmbito mais amplo das grandes mudanças da “máquina do mundo”, configuradoras do espaço da inserção internacional do Brasil desde o período colonial.

A diplomacia na construção do Brasil é um livro único na bibliografia brasileira. Transcende o circunscrito tradicional do campo - e não apenas em nosso país - da História diplomática e oferece uma abalizada interpretação do seu papel na elaboração da “*vis directiva*” do país nos ciclos mais longos da História. Esta se apura com a perspectiva propiciada pela análise comparativa da experiência histórica da inserção internacional de países que apresentam analogias e afinidades com o nosso país.

É a sensibilidade em relação aos movimentos da História nacional e internacional que dá neste livro renovada substância à esclarecedora distinção elaborada por Rubens Ricupero, há muitos anos, dos dois tradicionais eixos da ação diplomática brasileira: o das relações de

simetria ou de relativa igualdade com os países de poder em situações internacionais comparáveis à do Brasil, como os da América Latina e no seu âmbito o contexto da vizinhança; e o das relações de assimetria ou desigualdade com as nações das quais nos separa uma diferenciação apreciável de poderio político e econômico, como foi no século XIX a Grã-Bretanha e no século XX os EUA.

Esta distinção entre os dois eixos e seus desdobramentos é uma das suas contribuições, à teoria das relações internacionais e aos desafios da estratificação da ordem mundial, a partir de uma perspectiva brasileira. Ela é enriquecida no livro pela análise das múltiplas dimensões do poder, inclusive o que positivamente representou, em distintas fases da História brasileira, a diplomacia do conhecimento e do preparo intelectual.

Nesta linha, no Império a política externa traduziu-se no dizer do Conselho do Estado numa “Diplomacia inteligente, sem vaidade; franca sem indiscrição; enérgica sem arrogância”, muito ajustada às necessidades de construção de unidade do estado nacional na lida com a Grã-Bretanha e no trato com os problemas do Prata.

Esta postura caracterizou os estadistas do Império que tiveram relevante papel diplomático como o Visconde do Uruguai e o Visconde do Rio Branco e profissionais da diplomacia, como Duarte da Ponte Ribeiro, que

nos 52 anos de sua carreira no Ministério foi decisivo na formulação da qualificada política de limites do Império.

O grande modelo da diplomacia do conhecimento e do preparo, como explica Rubens Ricupero, na linha de seus trabalhos anteriores, foi o Barão do Rio Branco, o admirável “institution-builder” do Itamaraty e o arquiteto de sua autoridade. Na República, equacionou por meios pacíficos com talento e originalidade os problemas pendentes das fronteiras do país, liberando o caminho para o que veio a ser a diplomacia do desenvolvimento. Concebeu, nas circunstâncias da época, um válido modo de atuar do Brasil nos eixos da simetria e da assimetria. Além do mais, contribuiu de maneira decisiva para articular uma ideia do Brasil no mundo: a de um país sem ambições territoriais, em paz com seus vizinhos, confiante no Direito e no valor das soluções negociadas, empenhado em ser reconhecido como uma força de moderação e equilíbrio à serviço da criação de um sistema internacional mais equilibrado e pacífico. Esta ideia do Brasil no mundo veio a ser em distintas conjunturas e com variadas ênfases uma das notas do estilo diplomático brasileiro.

San Tiago Dantas - cujo período de Chanceler o Autor analisou com admiração e acuidade, considerando-o o grande clarificador do significado e alcance inovador do paradigma da política externa

independente - observou: “a tarefa da inteligência humana é tirar o valor das coisas da obscuridade para a luz”. Desta tarefa Rubens Ricupero seguindo a lição de San Tiago Dantas desempenhou-se de maneira notável neste livro que adquire abrangência iluminadora graças à clareza pedagógica da sua palavra e do seu estilo que revela com pleno domínio da matéria, com simplicidade mas sem simplificações, o percurso multissecular da História Diplomática do Brasil e o seu papel na vida nacional. É por esta razão que o seu livro não é apenas um livro de consulta. É um livro de sedutora leitura.

Gelson Fonseca Jr. em prefácio ao livro de 1995 de Rubens Ricupero – Visões do Brasil – observa que o interlocutor subjacente dos ensaios nele reunidos é o próprio pensamento diplomático brasileiro que ele, como Autor, exprime, revela, muitas vezes adota, outras, sutilmente critica. Neste livro a interlocução com o pensamento diplomático é explícita. Daí o interesse e o sabor de que se reveste a análise dos agentes da política exterior no correr dos tempos e a avaliação do que lograram em circunstâncias mais ou menos difíceis da vida brasileira. Nestas avaliações o empenho de objetividade do Autor não exclui a apreciação, por vez crítica, do encaminhamento que deram à agenda da política exterior

brasileira, embasada numa larga experiência, “de dentro” e não “de fora”, do que é a especificidade do fazer e do operar diplomático.

No período que se estende até 1960 as considerações tem o lastro do seu domínio de questões complexas – das tradicionais, como fronteiras, reconhecimento internacional do país, trafego internacional de escravos, conflitos no Prata, guerra do Paraguai, às contemporâneas, como globalização, comercio internacional, multilateralismo, armas nucleares – e de como se imbricam na pauta nacional e internacional. No período subsequente, que se estende até o fim do governo Dilma, elas tem a dimensão própria de quem viveu como testemunha ou agente o que se passou. Destaco o empenho de objetividade com a qual o Autor analisou e avaliou as circunstâncias internas e externas, os momentos de fragilidade e os mais favoráveis que enfrentaram os que conduziram a política externa e a diplomacia brasileira, tanto aqueles com os quais tem maior afinidade quanto aqueles com os quais a sua sintonia é menor. Nisto incluo a serenidade com a qual analisou os tempos recentes da Presidência FHC e Lula e os debates que suscitaram na agenda da opinião pública nacional.

Esta postura que atribui, tanto positiva quanto negativamente, a cada um o que é seu – clássico critério de justiça desde os romanos – merece

reconhecimento e admiração. Ela percorre as páginas de A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016) que é um livro de amor, sem demagogia pelo Brasil, e de afetuosa apreciação do Itamaraty - instituição a que serviu como qualificadíssimo profissional, sabendo nela identificar, sem deslumbramentos, o que tem de positivo o seu estilo de ser e de viver.

O Itamaraty, diz Rubens Ricupero nas páginas iniciais de seu livro evocando e parafraseando o Antônio Candido da Formação da Literatura Brasileira se funde e se confunde com o amor maior dos “brasileiros no seu desejo de ter uma política externa”. É este amor com seus acertos e imperfeições - e que não se saiu mal comparado a outros setores - que o novo livro de Rubens Ricupero articula, destacando a singularidade do papel positivo da diplomacia e da política externa na construção do país.